

MENSAGEM AOS IDOSOS³²**César Barros Leal**

Prestes a chegar às minhas setenta e cinco primaveras, perguntei a meu *alter ego* se essa dilatada viagem, que tenho empreendido intensamente, me autorizaria uma reflexão a vozes sobre os anos vividos, extraindo de seu itinerário um singelo acervo de conceitos e ponderações que ousasse repassar a meus amigos, em especial àqueles que, pelo avançar das estações, por igual se qualificam como idosos. Como a resposta que me deu, sem vestígios de hesitação, resultou afirmativa, dispus-me com ânimo revigorado a lhes redigir esta mensagem. Talvez aparentem as linhas subsequentes uma excessiva presunção de quem se arvoraria suficientemente apto a levar a efeito essa empreitada, mas, creiam-me, sou movido, à fé de Deus, sem qualquer fagulha de vaidade, tão-só pelo impulso de convidá-los, com a alma desnuda, a adentrar a privacidade de meus diálogos interiores e, fazendo a honra da casa, compartilhar com vocês aquilo que o trem da vida, em sua marcha imparável, em sua urgência, logrou, em boa ou má hora, transmitir-me gradualmente.

Confesso-lhes que me distanciarei das narrativas sobre a finitude e a consciência da mortalidade, um tema complexo, multifacetado e recorrente na ciência, na arte e na literatura. Nesse sentido importa mergulharmos nos estudos da psicologia, da gerontologia, da teologia e da psicanálise, assim como em obras de autores como Norberto Bobbio, Cícero, Sigmund Freud, Simone de Beauvoir, Jean-Paul Sartre e Martin Heidegger. De sua leitura, do mosaico de suas ideias heterogêneas, emergiu a percepção pessoal de quão significativo vem a ser, diante da pulsão da morte, frente ao impassível Tânatos, assumir uma postura aguerrida, autoconfiante, a alertar-me, a mais não poder, sobre a imperiosidade de identificar um intuito para nossas ações, superar nossos medos manifestos e recônditos, exercer a arte da resiliência e valorizar cada hora, cada fração de segundo que nos sobra viver, antes que a dama de negro nos alcance ou tenhamos um pé no barco de Caronte.

Não me proponho abordar hábitos que possam favorecer uma terceira idade mais saudável, menos dependente, potencializada (leia-se não patologizada), consentânea com a aspiração de cada indivíduo de prosseguir sua jornada por um tempo sem pressa, alija-

32 Texto lido na reunião mensal da Academia Cearense de Letras, no dia 10 de julho de 2024.

do o máximo possível das crises existenciais e dos achaques comuns ao envelhecimento, com a qualidade perseguida pelo ideal da longevidade e mimoseada com as descobertas da medicina e seu afluente geriátrico. Para isso servem, à mancheia, os protocolos de saúde, encontráveis prontamente no espaço real e virtual. De outros valores, não menos substanciais que os da higidez, me alimento com moderação para recolher, da passagem auspiciosa de Janus, um roseiral de experiências que não apenas me guiam pelos sendeiros de minha vivência interior e exterior, senão também me afastem do que julgo desconforme com os critérios e parâmetros dos quais desde sempre me fiz refém.

Perguntar-me-iam o que franqueia a um homem de minha idade, na antessala do adeus irreversível, sentir-se tão bem consigo mesmo e com o universo que o cerca. Seguramente essa indagação comporta uma exuberância de respostas que as idiossincrasias sugerem num território de infinitas possibilidades. É certo, sim, com a transparência do quartzo, que sobrevive o magistério das verdades universais, às quais nos amarramos com o nó górdio da obstinação, e que se sobrepõem ao individual, ao temporal, podendo-nos conduzir qual fio de Ariadne ao Santo Graal de horizontes mais serenos. Sou idoso, sim, os anos cronológicos e meu corpo fragilizado o confirmam (afinal, eu não sou o mesmo que fui ontem), mas nada, pelo lume de meus olhos, me faz sentir velho, nem mesmo a invisibilidade de que nos fala Drummond (*Nenhum olha para mim... A velhice proíbe*) e a conspiração do silêncio ensurdecedor de que somos vítima. A paixão pulsante pelo existir, por seu sentido, por sua essência, é nossa soberana e estrela guia. E, de igual forma, a motivação que nos mobiliza, conquanto a passos trôpegos, a deambular pela avenida de nossas quimeras, regenerando-nos as forças, num pacto simbiótico e apaixonado com a vida.

Deveras, para que alguém, ao se subjetivar positivamente, sintasse confortável com suas circunstâncias e pretenda não constituir um fardo, um peso descartável, fazendo tábula rasa de suas limitações e de seus dissabores, com os olhos postos num horizonte de luz, o mais importante, bem o sabemos os veteranos andarilhos, é enxergar a proeza da existência sob a ótica do desejo (daí a concepção de velho desejante, autônomo e insubmisso aos estereótipos) e de um otimismo responsável, usando uma expressão que enuncia uma postura assertiva perante o presente e o futuro. Estaria aí, descoberta pela ressonância magnética do imaginário, alguma área do cérebro desfavorável a pensamentos pessimistas, pletórica de adoráveis imagens, detalhadas milimetricamente em uma fascinante contextura?

Na mensagem lida no Quarto Encontro do Grupo Contemporâneos da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, no dia 18 de novembro de 2023, asseverei aos que, em sua maior parte, foram meus alunos: A resiliência, com a autoconfiança, o senso de direção e a sabedoria que a identifica, se exige numa trajetória que, longe de ser linear, impõe recuos e renúncias, palavras chave quando de fixação de propósitos e metas se trata, visto que somente por essa via é factível alcançar os objetivos projetados. É vital ajustar-nos às contingências, às mudanças inesperadas, sem que ansiedades e estresses nos comprometam a saúde física e mental, a qual constitui o segredo do *otimismo responsável*, da ventura e do bem-viver. Persistir é a ordem do dia, nossa referência prioritária. Jamais podemos arrefecer o entusiasmo mesmo quando tudo ao derredor sinalize a eventualidade de um fracasso ou uma desilusão; ao contrário, busquemos remover as pedras no meio do caminho para que construamos, por mais difícil que venha a sê-lo, o castelo que erigimos em nossas utopias. Um imperativo incondicional reside em nunca nos sentir menores diante dos mais fortes ou poderosos, tanto mais porque cada um de nós vem a ser um pequeno universo em potência e expansão. Agrego: nada é tão grande quanto nossa decana aptidão para sermos felizes.

Truísmo ou não, é crucial não desdenharmos o fato de que nos corresponde coabitar com preconceitos que intentam carimbar a *idade da aterrissagem* com clichês como improdutiva e inútil e, ao mesmo tempo, na contramão dessas platitudes, acreditarmos em nossas suficiências e potencialidades, procurando desenvolvê-las e aperfeiçoá-las. Certamente isso nos encaminhará a uma sensação de completude, placidez e paz espiritual, na medida em que levantamos âncora para tomar a peito uma postura de equilíbrio e mansidão (às favas, com a ênfase de minha rebeldia, a retórica dos derrotistas de plantão) ante os câmbios de diversos matizes, que afloram a reboque dos anos, a par da profusão de mazelas, nascidas da condição humana, que irrompem em nossa rota e se amiúdam no último ato da comédia, na linguagem de Cícero, então um sexagenário. Nada como esses anos dourados do crepúsculo para termos dita compreensão cristalizada. Glória ao tempo que nos assemelha ao vinho. O diplomata Joaquim Nabuco, de quem se granjeou a inspiração com vistas a abolir a escravatura, nos dizia que temos unicamente uma colheita: semeamos na alvorada, colhemos na idade madura e deixamos para consumir o melhor na fase muito além da meia idade. Loas à afabilidade do autor de *Um Estadista do Império*.

Neste mesmo passo, revisito o repertório de hostilidades, desventuras e episódios antagônicos que nos atingem inelutavelmente com a chegada do outono, apercebido de que a nenhum de nós, por mais bem-aventurados que sejamos, é dado o privilégio de sua plena isenção. Por analogia, ocorre-me pontuar que a adversidade é consabidamente a pedra de toque do caráter, visto que agudiza o entendimento, tendente a adquirir mais consistência nas trincheiras da maturidade, de que nada é mais lógico e prático para aquilatar a índole de uma pessoa do que as crises de má sorte, os instantes de apuro e os reveses da fortuna. É aí que se mensuram as reações e se testa se o ouro, aquele com o qual se abrem as portas fechadas, é ou não de lei.

Na famosa *Oração aos Moços*, ministrada na Faculdade de Direito de São Paulo, aos bacharelados de 1920, Rui Barbosa rendeu com maestria sua gratidão aos falsos amigos, aos tartufos mascarados de inocentes, assim como aos inimigos reais e potenciais, os quais judiciosamente não devemos subestimar nem menosprezar. De igual modo expressou seu reconhecimento aos infortúnios, por seu generoso tributo ao espírito. Foi-nos dito que o homem é um aprendiz e a dor seu mestre, com o que concordava Francisco Otaviano: “Quem passou pela vida em branca nuvem / e em plácido repouso adormeceu, / quem não sentiu o frio da desgraça, / quem passou pela vida e não sofreu / foi espectro de homem, não foi homem, só passou pela vida, não viveu!” Presumo que Rui Barbosa apreciava mais os inimigos – os de fogo e sangue, não obstante a cizânia que sua vilania, de braços dados com a inveja, se encarrega de espargir – do que os verdadeiros amigos, porquanto, não fora a convivência com os primeiros, não fora o conhecimento haurido a raiz de seus malefícios, volver-se-ia inadvertido e mais vulnerável a seus perigos, a suas ciladas.

Para o *Águia de Haia*, as provações se impunham como uma necessidade que serve de argamassa com que se moldam os homens e os enobrece. Manifestava que o melhor do que era, o melhor do que lhe sucedera, devia-o não à boa-venturança ou à amizade sincera, senão às tramas dos inimigos e aos embates da sorte adversa. Como dizem os franceses: *À quelque chose malheur est bon*. A que os italianos fazem eco: *Non tutto il male viene per nuocere*. E esse saber vulgar, esse saber rasteiro, um saber só de experiência feito, só Rui consegue exprimir com tanta elegância: – Desde que o tempo começou, lento lento, a me decantar o espírito do sedimento das paixões, com que o verdor dos anos e o amargor das lutas o enturvavam, entrando eu a considerar com filosofia nas leis da natureza humana, fui sentindo quanto esta necessita da contradição, co-

mo a lima dos sofrimentos a melhora, a que ponto o acerbo das provações a expurga, a tempera, a nobilita, a regenera. Então, vim a perceber vivamente que imensa dívida cada criatura da nossa espécie deve aos seus inimigos e desfortunas. Por mais desagrestes que sejam os contratempos da sorte e as maldades dos homens, raro nos causam mal tamanho que nos não façam ainda maior bem. Ai de nós, se esta purificação gradual, que nos deparam as vicissitudes cruéis da existência, enviadas pelo Senhor, se não encontrasse a colaboração providencial da fortuna adversa e dos nossos desafetos...

Eis que me ponho a meditar sobre as amizades idôneas, aquelas construídas sob o signo da genuinidade, principalmente sobre seu significado, sua representação e sua relevância nos anos de prata. Cimentadas pela reciprocidade da afeição, pela convergência de idades, pelas experiências semelhantes compartilhadas, elas concorrem à *outrance* para tornar nossa *segunda infância* mais sadia, mais risonha, ainda que sujeita aos rotineiros e inevitáveis padecimentos, servindo em definitivo de porto seguro, de anteparo às atribulações que assomam no entardecer de nossos dias. No cultivo de uma mente ágil, renitente em absorver as intercorrências de humores, tecemos com nossos amigos o compromisso de nos assegurar a estabilidade emocional e o ânimo de desfrutarmos o viver em plenitude (*a full life*), experienciando cada dia como se fosse o último. Uma aliança se formaliza entre nós, na determinação firme e acumpliciada, na força que nos impele e guia (na lição do poeta Joao Bernardino dos Santos) de outorgar um feixe de luz à mais bela de todas as aventuras: a vida, com seu dom divino.

Nesta linha de raciocínio, que os *novos idosos* havemos de ter em conta, na estrada onírica de Santiago rumo ao santuário de nossos sonhos, sob as bênçãos de Jesus da Galileia, evoco Han Ryner, o célebre escritor francês, Príncipe dos Narradores Filosóficos, autor de *O Quinto Evangelho*, sua obra-mestra, que Miguel de Unamuno considerava superior aos evangelhos clássicos. No *Manual Filosófico do Individualista*, escreveu um *Diálogo entre o Epicúreo e a Dor*. Ei-lo em sua última parte: *A Dor* – Não quero deixar de ser eu mesmo. Deixa-me fugir. Nada mais tenho a realizar aqui. Não estou disposta a tornar-me gota no oceano de beleza que tu és. Adeus! *O Epicúreo* – Até a vista. Volta quando te aprouver. Porque um quadro necessita de sombras, e eu não detesto que entre as minhas inúmeras alegrias de cores vivas aquelas deslizem e se percam, fazendo elegantemente ressaltar alguns desses traços que restam das dores para os ignorantes, dores das quais eu sei o nome secreto, ó paradoxais e indesmentíveis alegrias negras!

É comum que os idosos, ao coligirmos as peças do inventário de nosso passado, nos lastimemos a pleno pulmão dos equívocos cometidos nas etapas inaugurais da odisseia de nosso percurso, sobretudo na fase da contestação mencionada por Norberto Bobbio, desafiando as contas do rosário do arrependimento. No entanto, a ninguém cabe ignorar o ditado: *É errando que se aprende*. Ao reconhecê-lo como axioma, em regra geral nos comprometemos a não mais praticá-los, embora esses projetos se esvançam quase sempre como as promessas feitas nos umbrais do ano novo. Dos escarmentados, contudo, se fazem os arteiros. Já se disse que os jovens incidem, no processo de amadurecimento, em demasiados enganos *no carpe diem* do viço de sua mocidade; não há, porém, motivo para que se sintam envergonhados ou constrangidos; a afirmação é nossa, dos mais velhos, cujo saber nasceu, como deve sê-lo, de nossos próprios equívocos e dos alheios. Parafraseando Públio Ovídio, nascido antes de Cristo: sagrado e venerável nome o do erro.

Num planeta em transição, cresce o número de nós velhos sendo emblemática a evolução da pirâmide etária, que acena para a predominância, em 2030 da população maior de sessenta anos sobre os mais jovens, menores de 15 anos, um fenômeno que nasceu nos países desenvolvidos, mas se expandiu, numa velocidade sem precedentes, para os países periféricos. Neste cenário, visualiza-se uma preocupação com o ato de envelhecer, com a envelhescência/gerontolescência, processo que se assemelha à adolescência, e com o papel de quem demanda um olhar diferente, uma atitude empática por parte dos mais novos, do entorno comunitário, da mídia digital, das redes sociais, acentuando-se o desserviço gerado pelas imagens estandarizadas, caricatas, estimulantes virais do etarismo, da gerontofobia, da intolerância com a sexta idade de Sheakespeare, a bela velhice de Simone de Beauvoir e, risos, a pior idade de Rubem Alves. No mesmo plano estão o setor privado e o Estado, a este último incumbindo a salvaguarda e a promoção de novos códigos culturais, a par de políticas públicas contínuas, orientadas à saúde, eixe das demais políticas que lhe devem ser necessariamente coerentes e integradas, bem como ao envelhecimento ativo e saudável e ao respeito às particularidades objetivas e subjetivas, à segurança pública, social e econômica, ao bem-estar e ao cuidado daqueles que estamos em idade avançada e constituímos um capital humano inestimável.

A atenção se volta agora para a família. Com seus memorandos de pertencimento, suas pautas de apego e aceitação, nos obsequia com a convivência, o conforto e o suporte primário para enfrentarmos os percalços ocasionais e os transtornos de saúde que nos impactam física e mentalmente e nos distanciam cada vez mais da chama e da efervescência da juventude. Guardiã de nossa memória e de nossa decência, pilar de nossa integridade emotiva, com ela mantemos os nexos profundos que propiciam luz e cor aos anos adicionais que as lúgubres Moiras, em sua benevolência, nos permitem seguir usufruindo. Dentro dos muros da cidadela familiar, refúgio da multifária violência do mundo exterior, erigimos a base epistemológica e ontológica de nossa identidade e celebramos os amores, as paixões, as conquistas pessoais e as escolhas felizes a que procedemos, algumas das quais se corporificam em pontos de inflexão. Como homem de família que sempre fui, não saberia subsistir longe do aconchego de minha amada esposa, de meus filhos e netos com quem e através de quem regresso à primeira infância, sinto-me leve, venturoso, como a criança de Thomas Buergenthal (em seu livro *Un Niño Afortunado: de Prisioneiro em Auschwitz a Juiz da Corte Internacional de Justiça*), e reafirmo com o frêmito silente de minha emoção mais pura o sacrossanto direito de sonhar. A todos enalteço a diário posto que constituem a gênese e o ápice, o alfa e o ômega de tudo o que sou e pretendo ser, preservando-me o Supremo Arquiteto do Universo minha reserva cognitiva, minha abençoada lucidez (*Oh, God! May I be alive when I die*, na expressão de Winnicott), muito antes de cruzar o rio Aqueronte.

Enquanto permaneço na outra margem e Hades demora a convocar-me, fruo as vantagens de ser idoso, num país que exhibe indubitavelmente (emprego este advérbio sob medida) uma das melhores legislações protetivas da terceira e quarta idades. Como não nos sentir privilegiados com as deduções especiais e as prioridades a que fazemos jus por lei? Como não aplaudir o Estatuto do Idoso? E o que dizer da almejada aposentadoria, essa invenção de Otto von Bismarck? A verdade é que nunca me senti tão voltado para mim mesmo, tão descontraído, tão satisfeito com minha *melhor* idade, entregue ao lazer sob o manto de Eros, à larga ante a tela de meu computador, sem a obrigação de cumprir as tarefas inerentes ao cargo, ocupado com desvelo durante fecundos e saudosos trinta e quatro anos. Nesta que é a Década do Envelhecimento Saudável (2021-2030), assim proclamada pela OMS, o tempo está à minha mercê para manter este novo ciclo com humor, com autoeficácia, podendo fixar minhas rotinas de trabalho, esquivar-me do sedentarismo, espairecer, ler muito, grafar estas linhas, descobrir novos saberes, atento às advertências foucaultianas, sem jamais ser refratário ao novo e, mais,

dar seguimento à obra de inclusão social, de apoio aos filhos de presos e egressos, que tantas alegrias brancas me traz, materializando anelos postergados por Cronos e persistindo, a toda vela, sem pausa, na exploração verniana do mundo. Consciente de minhas perdas, marcadamente da morte de parentes e amigos entranháveis, fé e autoestima renovadas com o cinzel da esperança, celebro minha velhice. Meu receio prospectivo, ao fim e ao cabo, é o de agir como Jacinto, personagem central do conto *Civilização*, que Eça de Queiroz ampliou e transformou na novela *A Cidade e as Serras*. Jacinto era refinado, tinha tudo à sua mão e nada lhe faltava. Mas, a despeito disso, bocejava, tinha átimos de modorra e fastios. Como o disse Eça, pela boca do provecto escudeiro Grilo, “Sua Exa. sofria de fartura...”

Pois bem. Cheguei, por fim, após uma longa caminhada, à praia onde posso banhar meus pés na vastidão do mar que me conecta ao infinito e à humanidade que carrego em meu corpo vivo.